

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 21 -Junho de 2026 - Nº 199
(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj • instagram - @jaajrj

Dia Mundial do Meio Ambiente: cuidar da natureza é cuidar do nosso futuro

Neste mês do Dia Mundial do Meio Ambiente, a reflexão se transforma em ação. Proteger florestas, rios, manguezais e áreas verdes não é apenas uma responsabilidade dos governos e empresas, mas um compromisso de cada cidadão. Pequenas atitudes no dia a dia, somadas ao fortalecimento de políticas públicas e iniciativas comunitárias, ajudam a enfrentar as mudanças climáticas, preservar a biodiversidade e garantir qualidade de vida para as próximas gerações. O futuro sustentável começa agora. Faça parte dessa transformação. 🌱🌍



Pesquisar matas e rios é nossa luta!

O Jornal Abaixo-Assinado traz em primeira mão:
Cada cidadão tem um papel no enfrentamento da crise climática
Prefeito promete assinatura do Corredor Azul
em defesa da Floresta em Pé Jacarepaguá

Páginas 2 e 3



V Encontro Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro

Página 9

Luna Magalhães e o poder da arte para transformar vidas

Página 6



Editorial

Fórum Popular da Baixada de Jacarepaguá é dia 11 de julho

Prezados companheiros e companheiras, lideranças comunitárias e representantes dos movimentos sociais e culturais,

O Fórum Popular da Baixada de Jacarepaguá convida você para um importante debate sobre a **Segurança Pública na nossa região e no Brasil**.

Especialistas apontam que a persistência da violência está diretamente relacionada à ausência de uma política de segurança pública estruturada e permanente. A avaliação é de que faltam ações integradas, planejamento adequado e metas claras para o curto, médio e longo prazo. Sem uma estratégia consistente, tende a permanecer o atual cenário de instabilidade, com graves impactos na qualidade de vida da população.

Diante dessa realidade, o **Fórum Popular** propõe um espaço democrático de reflexão e construção coletiva, buscando ampliar a participação popular na formulação de soluções para os problemas da Baixada de Jacarepaguá e da cidade do Rio de Janeiro como um todo.

Este **Fórum** nasce como um espaço aberto ao diálogo, à troca de experiências e à construção de propostas concretas para enfrentar os desafios do nosso território.

Sua presença é fundamental! A voz de quem vive o cotidiano das comunidades é o que dá força, legitimidade e representatividade às nossas reivindicações.

 **Data:** 11 de julho de 2026 (sábado)

 **Horário:** das 9h30 às 12h30

 **Local:** Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht
Rua dos Prazeres, nº 71 – Taquara

Participe!

Juntos podemos construir caminhos para uma Baixada de Jacarepaguá mais segura, justa e democrática.

História da Região

- Museu da Remoção
- Rio de Janeiro em foco
 - Gardênia Azul e o governo Brizola
 - 1971: o olhar do Correio da Manhã sobre Jacarepaguá e as favelas

Páginas 5, 7 e 8



Bianca Lopes
Jornalista e
colaboradora
voluntária
do JAAJ

Evitar o aquecimento global exige postura individual



Engenheira Jaciane Nunes



Gestor ambiental Ébano George

Todos nós, como cidadãos, temos responsabilidade sobre a qualidade de vida em nosso planeta. Por menor que seja nosso tijolinho nesta imensa construção, é com educação e participação social que salvaremos nosso planeta.

A engenheira Jaciane Nunes, especialista em meio ambiente, e o gestor ambiental Ébano George explicam o que é aquecimento global e alertam para a importância de pequenas ações cotidianas para evitá-lo, como economizar energia, reduzir o uso de carros e combater o desmatamento.

JAAJ - O que é o aquecimento global? E como se mede isso?

Jaciane - O aquecimento global é o aumento da temperatura do planeta medido desde a revolução industrial por satélites, estações meteorológicas e medições oceânicas.

Ébano - Trata-se do aumento gradual da temperatura média da terra, causado, principalmente, pela intensificação do efeito estufa devido à queima de combustíveis fósseis, ao desmatamento e a outras ações que liberam gases como o dióxido de carbono.

JAAJ - O que causa o aquecimento global?

Jaciane - A principal causa é o aumento da concentração de gases do efeito estufa na atmosfera causado por ações humanas, inclusive na agropecuária, elevando os níveis de CO₂, metano e óxido nítrico, que intensificam a retenção de calor.

Ébano - O aquecimento global é causado, principalmente, pelo jeito como a gente usa os recursos do planeta, ou seja, é o acúmulo de pequenas ações humanas que, juntas, acabam prendendo mais calor na atmosfera da terra.

JAAJ - Qual a diferença entre o efeito estufa e o aquecimento global?

Jaciane - O efeito estufa é um processo natural que retém o calor irradiado pela superfície terrestre e é essencial para manter a temperatura adequada na terra, possibilitando a vida. O aquecimento global é a intensificação desse efeito provocada pelo aumento na emissão de gases, elevando a

temperatura média do planeta. Ou seja, o desequilíbrio do efeito estufa é o que caracteriza o aquecimento global

Ébano - O efeito estufa é algo natural e necessário, é o que mantém a terra com uma temperatura adequada para a vida. O aquecimento global é o desequilíbrio desse processo.

JAAJ - O que podemos fazer para evitar o avanço do aquecimento global?

Jaciane - Reduzir as emissões através da transição energética, aumentar o uso de fontes renováveis, combater o desmatamento e implementar políticas públicas e práticas urbanas e industriais sustentáveis.

Ébano - É preciso mudar hábitos do dia a dia, coisas simples como economizar energia, usar menos carro, evitar o consumo exagerado e os desperdícios e preservar as florestas. Ou seja, é preciso um esforço coletivo com pequenas atitudes individuais para alcançar mudanças maiores na sociedade.

JAAJ - Quais as doenças oriundas do aquecimento global?

Jaciane - O calor extremo pode causar insolação, desidratação, doenças cardiovasculares e problemas respiratórios devido à poluição e ao aumento das queimadas, além de facilitar a transmissão de doenças causadas por mosquitos.

Ébano - Ele facilita a propagação de doenças transmitidas por mosquitos, como dengue, malária e zica.

JAAJ - Qual a situação do Brasil, no contexto mundial e da América Latina, em relação ao aquecimento global?

Jaciane - O Brasil tem grande rele-

vância pela biodiversidade e por abrigar a Amazônia, além de ter uma matriz energética relativamente limpa. Em contrapartida temos enormes índices de desmatamento e queimadas. Na América Latina o cenário é semelhante com potencial para energias renováveis, mas com limitações estruturais. Historicamente os países desenvolvidos são os maiores emissores, embora as economias emergentes também contribuam.

Ébano - O mundo inteiro enfrenta o mesmo problema, mas o Brasil e a América Latina, de modo geral, estão numa posição injusta, pois sofrem muito com os impactos do aquecimento global, mesmo não sendo os maiores responsáveis. Ao mesmo tempo, têm um potencial enorme para ajudar a resolver a crise climática, principalmente protegendo florestas e investindo em energia limpa.

JAAJ - Por que dizem que a Amazônia é o pulmão do mundo? Essa afirmação é verdadeira?

Jaciane - É uma expressão antiga, mas não condiz com a realidade. Dizem que é o pulmão do mundo devido à alta produção de oxigênio, mas ela produz e consome na mesma proporção. A importância da Amazônia se dá por seu grande potencial de armazenamento de carbono, o que ajuda a conter o aquecimento, por sua biodiversidade, essencial para o equilíbrio ecológico, e pela influência positiva sobre o regime de chuvas em grande parte da América do Sul.

Ébano - A Amazônia é o pulmão do mundo mais como metáfora do que descrição literal. Dizem isso porque a Floresta

Amazônica é gigantesca e tem uma enorme capacidade de absorver CO₂ e ajudar no equilíbrio do clima global. Além disso, ela libera muito oxigênio através da fotossíntese, o que dá essa impressão de que produz o ar que o mundo respira.

O oxigênio que a Amazônia produz quase se equilibra com o que ela mesma consome na decomposição das plantas e na respiração dos seres vivos. Ou seja, ela não funciona como um pulmão no sentido de fornecer oxigênio para o planeta, mas é essencial para o clima do planeta, principalmente por regular as chuvas, armazenar carbono e manter a biodiversidade. Então, mesmo não sendo literalmente o “pulmão do mundo”, ela é fundamental para o equilíbrio ambiental do planeta.

JAAJ - Como tem sido a resposta dos países signatários ao compromisso assumido no Acordo de Paris?

Jaciane - A meta principal do Acordo de Paris é limitar o aquecimento global a 1,5º centígrados, mas, para isso, há muitos desafios. Alguns países têm aumentado os investimentos em energias renováveis e metas de neutralização de carbono, outros têm maior dificuldade em alinhar crescimento econômico com redução de emissões. Atualmente, as práticas não são suficientes para que as metas sejam atingidas.

Ébano - O Acordo de Paris é um dos maiores esforços globais já feitos em resposta à crise climática, mas a execução dele ainda é bem desigual e insuficiente. De um lado quase todos os países do mundo assinaram o Acordo e criaram suas metas nacionais de redução de emissões. Isso é um avanço importante porque coloca todo mundo no mesmo jogo climático. Só que, na prática, muitos países atrasam ou apresentam metas pouco ambiciosas e isso enfraquece o resultado geral.

Por exemplo, mesmo quase 10 anos depois, nem todos entregam ou atualizam suas metas no ritmo esperado. Outro ponto que chama atenção é que o Acordo não obriga os países a cumprirem metas rígidas, o que acaba dependendo da vontade política de cada governo. Por isso, apesar dos compromissos, as emissões globais ainda não estão caindo no ritmo necessário para limitar o aquecimento a 1,5ºC, seu principal objetivo.

EXPEDIENTE



Distribuição gratuita pelos
bairros e comunidades da
Baixada de Jacarepaguá

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping
CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

Conselho Editorial: Almir Paulo, Cláudio Mattos, Cíntia Renato Dória, Roberta Azevedo, Roberto Senna (Cabral) (Em Travassos), Dona Jane, Dona Penha, Douglas Aguiar (Em Memória), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Memória), Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Valmíria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares, Loureiro.
Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Sílvia Costa

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Diagramação e Arte: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Sílvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.



**Sidney
Teixeira**
Colunista

Prefeito prometeu a assinatura do Corredor Azul

A luta pela proteção das florestas em Jacarepaguá continua! Aproveitamos a ida do nosso prefeito à Casa de Cultura de Jacarepaguá, em 10 de maio, para pedir atenção à nossa solicitação: a assinatura dos decretos das unidades de conservação da natureza do projeto Corredor Azul, que compreende quatro unidades de conservação da natureza para estabelecer a conexão entre as duas maiores florestas urbanas do mundo, incluindo a tão demandada Vertente Oeste do Maciço da Tijuca. Falta apenas a decisão final do prefeito Eduardo Cavaliere.

Vários ativistas vestiram a camisa da campanha “Floresta em Pé Jacarepaguá”, entregando uma petição de milhares de assinaturas de pessoas físicas e de organizações da

sociedade civil (<https://florestaempe.org/>).

Eduardo Cavaliere afirmou o compromisso da assinatura publicamente para todos os presentes, gerando grande alegria e expectativa. Repetiu recentemente essa promessa para toda a cidade, no fim da semana do meio ambiente, tanto na Rio Climate Weekend quanto nas suas redes sociais.

Apesar da alegria com essas inclinações favoráveis às políticas de proteção ambiental que temos pedido por meio da campanha “Floresta em Pé Jacarepaguá”, aguardamos a sua concretização.

Participem da próxima trilha da campanha “Floresta em Pé Jacarepaguá”!

Data: 28 de junho de 2026

Horário: 8h30

Local de encontro: Estrada do Quitite, 715 – Anil

Organização: Associação de Moradores e Amigos da Freguesia



Foto de voluntários segurando canetas para o prefeito assinar.



Ivan Lima - Colunista

Viva Zona Oeste apresenta diagnóstico inédito sobre acesso às políticas públicas de cultura

Representantes do poder público, pesquisadores, produtores culturais, artistas, coletivos e agentes culturais da Zona Oeste e da Região Sudoeste do Rio de Janeiro participaram, no dia 31 de maio de 2026, da primeira edição do Prêmio VZO e do lançamento oficial da publicação *II Escuta Zona Oeste – Diagnóstico de Fomento e Participação Cultural da AP-4 (2024-2025)*, iniciativa promovida pela Viva Zona Oeste.

O coletivo do **Jornal Abaixo-Assinado** esteve representado no evento por Silvia da Costa, Ivan Lima, Pablo das Oliveiras e Almir Paulo.

Realizado no Dia Nacional de Luta por Políticas Públicas com Participação Popular e Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais, o encontro reuniu diversos atores da cultura para a apresentação de dados inéditos sobre a realidade cultural da Baixada de Jacarepaguá (AP-4).

A pesquisa reúne informações sobre acesso a editais, leis de incentivo, participação social, circulação de recursos e desafios enfrentados por agentes culturais de bairros como Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, Cidade de Deus, Taquara, Praça Seca, Freguesia, Pechincha, Camorim, Curicica, Vargens e adjacências.

Além da divulgação do diagnóstico, o evento homenageou pessoas, iniciativas e instituições que contribuem para o fortalecimento da produção cultural, da memória local e da participação cidadã nos territórios da Zona Oeste. O **Jornal Abaixo-Assinado** foi uma das organizações reconhecidas, recebendo homenagem pelo seu trabalho de resistência e compromisso com a comunicação popular.

Na próxima edição do jornal, publicaremos um artigo especial de Fernanda Rocha, coordenadora-geral e fundadora da Viva Zona Oeste, apresentando os principais resultados e reflexões do diagnóstico inédito sobre o acesso às políticas públicas de cultura na região.



Veruska Delfino, Fernanda Rocha, Eliomar Coelho, deputado Tarcísio Motta e Vinícius

A luta continua pelo Corredor Cultural de Jacarepaguá

A Prefeitura do Rio, por meio do prefeito Eduardo Cavaliere, assumiu o compromisso de regulamentar o Corredor Cultural de Jacarepaguá, iniciativa que estabelece um traçado de preservação histórica e incentivo ao turismo cultural ao longo da Estrada Rodrigues Caldas, entre o Largo da Taquara e o Núcleo Histórico da Colônia Juliano Moreira.

O decreto que cria uma comissão responsável por detalhar a regulamentação do Corredor Cultural foi assinado em 17 de maio, durante evento realizado na Casa de Cultura de Jacarepaguá, e publicado no Diário Oficial no dia seguinte.

A gestora da Casa de Cultura

de Jacarepaguá, Alexandra Gonzales, destacou a relevância histórica da área contemplada pelo projeto.

- Muitas pessoas passam diariamente por aqui sem saber que este bairro abriga uma história viva. Temos igrejas centenárias, ruínas coloniais, memórias indígenas e negras e importantes patrimônios históricos. São caminhos que contam a história do Rio de Janeiro - afirmou Alexandra durante a cerimônia.

O evento contou ainda com a presença da vereadora Maíra do MST (PT), uma das parlamentares que atuaram em defesa da regulamentação do Corredor Cultural de Jacarepaguá.



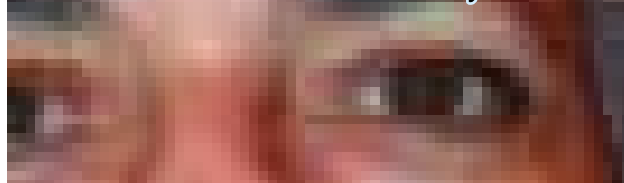
A coordenadora
Alexandra Gonzalez
e vereadora Maíra do MST



O evento na Casa de Cultura foi conduzido pelo
secretário de Cultura e Alexandra Gonzalez

Fotos: José Wilson

Observatório Popular



Juçara Braga - Jornalista

Você, cidadã, cidadão comum, assim como eu, certamente, já viveu a experiência de atrasar um boleto. Não demora 15 dias para que a empresa credora ponha seus abutres em cima de você. Sem dó, nem piedade. E, olha, você está atrasada numa dívida que não avança além das dezenas ou centenas de reais.

Agora, imagine uma empresa que deve R\$ 65 bilhões. Daí você se pergunta como essa dívida ficou desse tamanho. Ninguém cobrou quando caiu o primeiro boleto sem pagamento?

Essa é a situação da Raízen, junção da Cosan com a Shell. Aí, você pergunta quem está à frente da Raízen. Essa é a pergunta chave. Temos aí Rubens Ometto, empresário ceivado no meio açucareiro do interior de São Paulo à frente da Cosan, e André Esteves, outsider do mercado financeiro, dono do BTG Pactual.

Ambos multibilionários. Aí você entende porque ninguém bate à porta deles pra cobrar o primeiro boleto. Aí você entende porque a montanha de boletos acumulados chegou a R\$ 65 bilhões. Gente, R\$ 65 bilhões.

É uma barbaridade só possível numa sociedade marcada por exceções e privilégios para quem ocupa o andar de cima na pirâmide socioeconômica. A Raízen não é a única a gozar dessa condição. Temos outros exemplos. Light e Oi também entraram em processos de recuperação judicial por

Já pagou seus boletos desse mês?

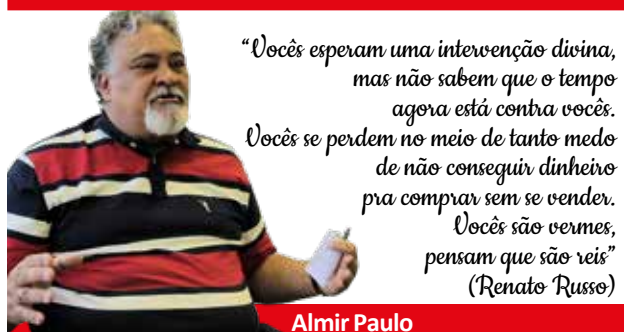


conta de dívidas bilionárias.

Daí você pergunta: E eu com isso? Eu te respondo. Você tem tudo a ver com isso porque mudar as condições políticas que permitem esse tipo de absurdo cabe a mim e a você. Uma sociedade de classes estruturada, como a brasileira, por uma elite que pode tudo não tem como construir um futuro que considere e respeite o andar de baixo, onde,

aliás, nós estamos.

A dica da vez é a seguinte: a política cuida de você, para o bem e para o mal, da unha do seu dedinho mindinho até o seu último fio de cabelo, portanto, ou aprendemos a cuidar da política ou vamos continuar nos ferrando, enquanto o andar de cima entra em recuperação judicial e joga as dívidas bilionárias pra quitação em um futuro que nunca chega.



"Vocês esperam uma intervenção divina, mas não sabem que o tempo agora está contra vocês. Vocês se perdem no meio de tanto medo de não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender. Vocês são vermes, pensam que são reis"
(Renato Russo)

Almir Paulo

A decisão do governo de Donald Trump de classificar as organizações criminosas Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV) como organizações terroristas representa uma grave ingerência em assuntos que dizem respeito ao Brasil. A medida foi anunciada sem qualquer debate ou coordenação com o governo brasileiro.

O episódio ocorreu após a viagem do senador Flávio Bolsonaro aos Estados Unidos, em meio à repercussão

O Brasil não é colônia O Brasil é dos brasileiros

das reportagens do The Intercept, que apontam relações entre o parlamentar e o banqueiro Daniel Vorcaro, proprietário do Banco Master. Segundo as reportagens, Flávio Bolsonaro teria solicitado R\$ 134 milhões a Vorcaro para financiar o filme Dark Horse.

A classificação imposta pelo governo norte-americano pode gerar consequências financeiras significativas para o Brasil, ampliando prejuízos econômicos já provocados por outras medidas adotadas pelos Estados Unidos, como a imposição de tarifas comerciais. Além disso, a decisão ameaça afetar milhões de brasileiros que vivem ou trabalham em áreas sob influência do crime organizado,

criando obstáculos para a circulação de pessoas, acesso a serviços, manutenção de contas bancárias e obtenção de crédito.

Em vez da cooperação internacional necessária ao enfrentamento do crime organizado, setores da extrema direita apostam em sanções, pressões econômicas, ingerência externa e na submissão dos interesses nacionais às decisões de governos estrangeiros.

O Brasil precisa combater o crime organizado com um Estado forte, instituições sólidas, respeito à soberania nacional e aplicação das leis brasileiras.

O Brasil não é colônia. O Brasil é dos brasileiros.

Exposição "O Arquivo Central nos Anos de Chumbo: recortes documentais da UFRJ durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985)"

Abertura da Exposição "O Arquivo Central nos Anos de Chumbo: recortes documentais da UFRJ durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985)"

Data: 23 de junho de 2026, às 17h.

Local: Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Rua Araújo Porto Alegre, 71, 9º andar, Centro, Rio de Janeiro-RJ.

A exposição, parceria do Arquivo Central-SIARQ/UFRJ com a ABI,

visa divulgar uma parte dos documentos de arquivo da maior universidade federal do país referentes a um momento recente da nossa história, cujas marcas ainda reverberam na sociedade e reafirma o compromisso de ambas as instituições com a democracia, entendendo que a preservação dos acervos arquivísticos é um de seus pilares, sendo fundamental para que se conheça a história do Brasil.





Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

Diga ao povo que finco: os dez anos do Museu das Remoções e o sentimento de pertencimento

No final do mês de maio, o Museu das Remoções, na Vila Autódromo, celebrou uma década em um dia de festa e certeza de que a luta vale a pena

Vou me permitir escrever este texto em formato de crônica ou talvez alguma corrente jornalística na qual o repórter se envolve com a notícia, ignorando a impossível total imparcialidade. A luta da Vila Autódromo, em Jacarepaguá, é antiga e, de alguma forma, estive perto dela em alguns momentos da minha vida.

Quando criança, eu tinha amigos de futebol que moravam em umas das tantas casas que abrigavam as mais de 500 famílias antes das remoções realizadas no contexto das Olimpíadas de 2016.

Adolescente, aprendi a dirigir em frente ao Autódromo de Jacarepaguá, ao lado da comunidade. Era uma prática comum - embora ilegal - os pais ensinarem as primeiras aceleradas aos filhos por lá.

Na juventude, cheguei a ir em manifestações contra as remoções. Posteriormente, participei de torneios de futebol na Vila Autódromo e fiz algumas reportagens sobre as histórias desse lugar que se tornou símbolo de resistência, luta por permanência e sentimento de pertencimento.

Mas chega de falar de mim. Já dei o contexto que gostaria e nas próximas linhas vocês vão entender o motivo do introito. No final do mês de maio aconteceu um evento na Vila Autódromo para celebrar os 10 anos do Museu das Remoções (MdR).

Aos desavisados, o MdR foi fundado em 18 de maio de 2016, no período das remoções que ocorreram na Vila Autódromo, no contexto das Olimpíadas do Rio de Janeiro. A ideia foi de um dos apoiadores, o museólogo e ativista Thainã de Medeiros.

Em sua inauguração, houve a exposição de sete esculturas, que foram construídas a partir da coleta de materiais dos próprios escombros que restaram da comunidade quase que totalmente removida.

Sob a orientação da arquiteta e urbanista Diana Bogado, essas esculturas foram construídas e expostas por seus alunos(as), através do Projeto de Extensão da Universidade que ela lecionava na época.



"O Museu das Remoções é um museu de território, onde se compreende que tudo que resistiu e está no território faz parte do acervo", explica Luiz Claudio da Silva, uma das lideranças da Vila Autódromo e co-fundador do MdR.

Em 2023, o Museu das Remoções foi reconhecido e certificado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) como Ponto de Memória.

No ano passado, os pontos de memória do percurso foram renovados. Novas sinalizações do MdR instaladas. Neste ano de 2026, placas nas ruas vizinhas passaram a indicar a localização da Vila Autódromo, simbolizando mais uma vitória para o não apagamento de um território que quase foi removido pelo Poder Público e interesses econômicos.



Neste maio de 2026, no evento de dez anos do Museu, tive uma impressão que ainda não havia tido na Vila Autódromo. Embora o clima sempre seja bom e leve no local, dessa vez, a sensação de suavidade e o clima de festa dominaram o ambiente.

Sempre receptivos e felizes, Dona Penha, Luiz, Nathalia Macena, Sandra Maria de Souza, além de demais moradores e convidados presentes viveram na justa paz e alegria a festa que teve atrações como show de rap, bloco de carnaval, oficinas e emocionantes homenagens.

Cheguei a comentar sobre esse clima com as pessoas presentes e todos concordaram. E que bom que foi assim.

Neste mesmo dia, o professor Mário Chagas, grande entusiasta da museologia popular, no encontro da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS), que foi realizado na Vila Autódromo, traçou um paralelo entre o Museu das Remoções e o Museu do Amanhã, que fica no Centro do Rio.

Mário lembrou que os dois museus fazem dez anos em 2026, mas só um representa o futuro: o Museu das Remoções, pois o sentido é permanecer deixando marcas históricas e não ser colocado em um lugar "da moda" do momento.

Os dez anos do Museu das Remoções permitiram, enfim, a serenidade que esse povo de luta merece.

Embora estar atento e forte é sempre preciso, batallas também se ganham com danças em blocos de carnaval, letras de rap, performances artísticas e oficinas educativas.

Vida longa, paz, tranquilidade e muita festa para a Vila Autódromo e o Museu das Remoções. Mesmo contra tantas forças, eles ficaram e fincaram. Agora e amanhã é celebrar.



**Cíntia
Travassos
Produtora**

Luna Magalhães: *impactando vidas com arte*

Luna Magalhães é uma mulher inquieta e movida pela arte. Carioca de Jacarepaguá, mãe da Maria Júlia e do Leonardo, é educadora social licenciada em Letras, ativista e artista visual autodidata.

Magalhães fundou o Versos e Vozes, programa social itinerante que leva arte e literatura popular a territórios vulneráveis. Ela acredita na arte humana, social e transformadora.

Embora tenha transitado pela música e a dança, foi aos 49 anos, enfrentando desafios emocionais, que ela começou a desenhar. O que nasceu como desabafo revelou uma potência artística adormecida. Em dois anos e meio, criou mais de 100 obras – entre telas, muros e folhas – transitando entre o figurativo e o abstrato.

Hoje, celebra sua quarta exposição no Museu Municipal de Mangaratiba, que acontece neste mês de junho. Sua pro-



Foto: Marilena Nascimento

**Oficina de Arte Versos e Vozes
no Centro Cultural Professora Dyla Sylvia de Sá**

dução dialoga com a identidade, cultura afro-brasileira, direitos humanos e afeto. Também integra a Construção Coletiva laçaré, fortalecendo a organização popular na Zona Oeste.

Recentemente, lançou seu segun-



Foto: Luciano Heffner

**Exposição Ayé Obinrin - Mundo das Mulheres!, da Artista Luna Magalhães,
no Centro Cultural Frei Affonso Jorge Braga em Mangaratiba.**

do livro beneficente, *Vai pintar*, cuja renda apoia suas oficinas.

Questionada sobre como defender a arte quando muitos lutam para sobreviver, Luna Magalhães responde enfática: “é por isso que ela é vital. A arte não é privi-

légio, é um direito humano fundamental. Nunca subestime seu poder de transformação!”

Para conhecer o trabalho da artista, basta acessar: @lunamagalhaes ou @versosevozesprojetosocial.



**Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta**

‘Passe-Se Esta Casa’

Estava ali bem perto e eu não sabia. Eu ia e vinha de casa pra escola, seguindo pela rua em direção ao Bairro Araújo. A Cidade de Deus estava bem ali, na direção contrária. Mudamos de repente, com a urgência de quem pula o muro da vila pra casa vizinha. D. Eduarda, uma antiga moradora da rua. Pai, mãe e eu moramos alguns meses arranjados como hóspedes, por assim dizer, num pensionato improvisado pela viúva. Mesmo a casa sendo espaçosa, a convivência se ajustava; meu irmão Tonzé, arranchado no Exército, vinha de visita, às vezes. Nós estávamos em repartições. Para mãe e pai era um quadro repetido, na parede do quarto de suas memórias, como eu nem sabia...

Mãe saiu a campo, o campo era a Cidade de Deus, mesmo sem ler, concluiu o apelo das tabuletas penduradas: “PASSA-SE ESTA CASA”. A negociação foi direta entre o vendedor e nós, compradores. A “palavra” era o documento, às vezes acompanhado de qualquer papel da COHAB, com a localização da quadra e da casa; foi o nosso passaporte de entrada pela porta lateral na cozinha, até a salinha, o banheiro, dois quatinhos. A casa ainda estava com o padrão original, telhado de acento



**Colagem digital a partir de foto do livro PASSA-SE UMA CASA,
Lícia do Prado Valadares. Vozes, 1978.**

circunflexo e frente com janelinha virada para a praça. Mudamos para a Cidade de Deus, em 1973, no último dia do capítulo da novela *O Bem Amado*, sete anos depois que o Conjunto Habitacional recebeu em despejo as famílias removidas das favelas da Zona Sul e os desabrigados das enchentes, nos anos de 1960. Ainda não era a Praça das 17 Árvores, mas tinha jogo de queimado, golzinho de chinelo, festa ju-

nina, animada pela Thiana, o Toninho, a Penha, o Jorge Bezerra e eu, que éramos grandes amigos. De nossas janelas, nós vimos o plantio das 17 árvores... por cima dos muros subindo, vimos como elas cresceram pra renomear a Praça Macena.

Se o mês de novembro começa morno, o dia do aniversário do Bezerra não! Festejávamos a data e os encontros com entusiasmo, na casa do amigo. Ali eu

dei um passo, e ainda não sabia estar a caminho que se abria para outros tantos caminhos. Conversa animada de quem ao ouvir e falar, em si vai plantando as sementes das ideias, traçando o projeto de um grupo cultural... Desfolhando em nós as páginas de uma Revista... Aquela Praça desdobrou-se com meus pensamentos, estendeu pontes sob meu pés, arregalou meus olhos ao que passamos a chamar comunidade Cidade de Deus. Dali em diante movemos o Grupo Cultural Projeto; o Grupo Perspectiva, a *Revista Nós – RN*; e o Jornal *O Amanhã*, edições impressas por mimeógrafo, de um jornalismo popular na Cidade de Deus. Muito mais havia de gente e movimentos praticados no lugar, que se refazia. Antes de nós, havia os veteranos do COMOCIDE*, fundado por moradores chegados das favelas, firmes em refazer o convívio de vizinhança e buscar melhores condições de vida no lugar, que nunca foi reconhecido como *Conjunto Habitacional*, por isso foi chamado de *Comunidade*; traduzido como *REFAVELA* por Gilberto Gil; instituído como *Bairro Cidade de Deus*, por Decreto Municipal, mas é pela boca do povo que, em três letras, acontece diariamente o seu batismo-pagão: CDD.

**Conselho de Moradores da Cidade de Deus, fundado em 1968.*


Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Texto & foto de Ana de Melo - Doutora em História e Professora do Município do RJ

Gardênia Azul e a solução da posse da terra com Brizola

Embora desapropriada em 1966, o loteamento que deu origem a Gardênia Azul não era regularizado pelo estado. Muitas obras ainda estavam por serem feitas, e todas tinham que ser custeadas pelos moradores. Havia também a dívida que cada morador ainda pagava pelos lotes adquiridos junto a José Padilha. Tudo isso tornava ainda incerta e precária a situação de muitos moradores na localidade. O risco de não conseguir fazer os pagamentos e ter que deixar Gardênia Azul era algo que estava sempre no horizonte. Boa parte desse problema seria resolvido com a legalização do projeto de urbanização de Gardênia Azul e o reconhecimento oficial como bairro em 1976.

Mas a legalização não beneficiou a todos os moradores. O que fazer com essa gente? Como resolver a situação dos moradores que não tinham comprado os lotes, mas que lá habitavam? Era a questão mais premente de Gardênia Azul no raiar dos anos 80.

A vitória de Leonel Brizola represen-

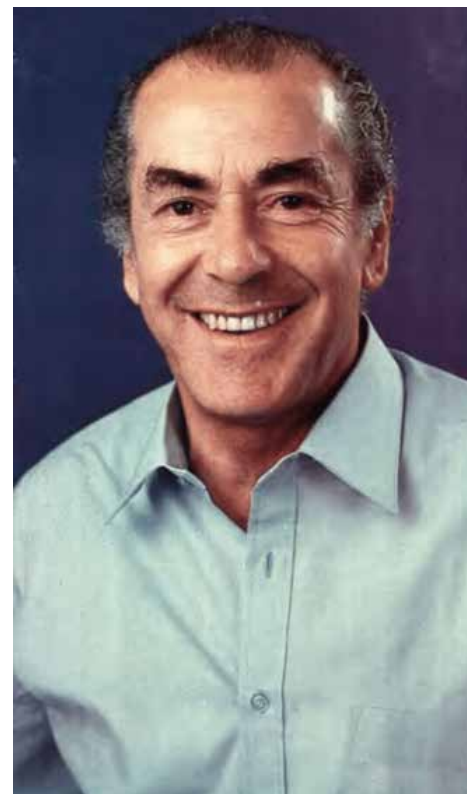
taria um alento a esse grupo, pois o histórico líder trabalhista tinha como uma de suas principais bandeiras a solução da questão habitacional promovendo o acesso a moradia por parte dos segmentos populares. O programa habitacional *"Cada Família, Um Lote"* seria formulado exatamente com esse objetivo: toda família teria direito a um lote em boas condições, servido por escola, saneado, com atendimento de saúde próximo da residência. A Secretaria de Habitação, responsável pela execução do programa, era chefiada por Carlos Alberto de Oliveira, o Caó. A secretaria ainda era apoiada pelos trabalhos de *"regularização fundiária levadas pela Comissão de Assuntos Fundiários, depois Secretaria de Assuntos Fundiários"*. Ao fim do governo Brizola, *"cerca de 41 mil lotes e unidades habitacionais"* foram legalizadas por meio da entrega de *"títulos de propriedade em conjuntos habitacionais, favelas e loteamentos clandestinos em todo o estado"*.

O programa seria implantado em Gardênia Azul em julho de 1984. No dia 27,

o *Jornal dos Sports* (p. 10) noticiava *"a entrega de Títulos de Propriedade a 96 famílias moradoras do loteamento de Gardênia Azul, em Jacarepaguá"*, com a presença do governador Leonel Brizola, o prefeito Marcelo Alencar e o secretário Carlos Alberto Oliveira, em solenidade da Praça Ludovia.

Uma nova fase era inaugurada na história de Gardênia Azul com essa iniciativa de Brizola. A questão da terra não era mais um problema que tirava o sono de seus moradores, como a possibilidade de despejo ou desapropriação da localidade, por exemplo. Mas uma série de outras necessidades e demandas ainda se fariam sentir por anos adiante: as constantes enchentes, falta de escolas, postos de saúde, modernização do sistema de esgoto, violência. E diante disso tudo, os poderes públicos seguiam atuando com lentidão.

A vida seguiria sendo desafiante para os moradores do bairro. E se tornou mais ainda com as novas ocupações de terra em áreas vizinhas ao núcleo original a partir de 1991. Mas esse é um tema para outro capítulo.



Leonel Brizola - Livro dos CIEPs



Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

Até o fim dos anos 1960 não havia ainda no imaginário popular uma distinção tão evidente entre o que era Jacarepaguá e Barra da Tijuca. Era tudo junto e misturado. Mas o plano-piloto de Lucio Costa para a região produziu um corte muito importante. Corte esse que estabeleceria uma verdadeira fronteira entre as duas áreas, não tanto geográfica e sim social. A Barra passaria a ser associada às classes médias de alto poder aquisitivo e Jacarepaguá ao segmento assalariado. Não que essa associação fosse puramente subjetiva, uma questão de imaginário. Em absoluto. Com o projeto de Lucio Costa, um volume enorme de investimentos seria canalizado para a Barra da Tijuca. Investimento por meio de obras em linhas viárias, serviços públicos (água, esgoto, luz) e prédios (comerciais e residenciais). Situação diferente da verificada em Jacarepaguá. Enquanto a Barra passaria a ser apontada como um exemplo de região do Rio onde tudo funcionava a contento, Jacarepaguá era o retrato da falta de estrutura. A reportagem do *Correio da Manhã* publicada bem no início dos anos 1970 (lembremos que o plano-piloto

Jacarepaguá e as favelas: o olhar do Correio da Manhã de 1971

é de 1969) é emblemática: *"Morar em Jacarepaguá custa muito sacrifício. Além da distância — uma hora até o Centro — há apenas cinco linhas de ônibus a serviço de uma população, hoje, de 300 mil pessoas. [...] A água é pouca até no inverno. E, no verão, as torneiras secam. Para completar esse quadro, não há esgotos. A luz é deficiente e, à noite, é um perigo andar em Jacarepaguá. Não há vagas suficientes nas escolas secundárias e um grande número de estudantes é obrigado a frequentar escolas de outros bairros da Zona Norte. O policiamento é precário: o XII Batalhão Policial não dispõe de uma única viatura. Comércio, só de gêneros alimentícios. O resto tem que ser comprado em Madureira, no Méier ou no Centro da Cidade"*. Outro ponto em franca decadência era a produção agrícola:



CAUSA 1: CRESCIMENTO DESORDENADO

"As águas poluídas dos rios estão acabando com as hortas e as lavouras. Além disso, são um risco permanente de epidemias. No ano passado, foram encontrados focos

de esquistossomose nas hortas e lavouras do bairro". O jornal afirmava que as hortas estavam virando capinzais. Muito desse quadro desolador era visto como fruto de uma ocupação desordenada: *"Foi uma dessas explosões demográficas violentas e súbitas. Mais de 100 mil novos habitantes em menos de 5 anos"*. Ao contrário da Barra, Jacarepaguá passou a ser vista pelo governo como um espaço propício para a fixação de vários conjuntos residenciais, a maioria voltado para *"grupos da classe média assalariada — economistas, bancários, funcionários públicos, militares e jornalistas"*. Junto a esses conjuntos se expandiam *"grandes núcleos de ex-favelados da Zona Sul: a Cidade de Deus, com 38 mil habitantes, e os conjuntos gêmeos do Gabinal e das Margaridas, onde moram perto de 10 mil pessoas"*. E o mais grave, na visão do *Correio da Manhã*, era a multiplicação das favelas. Era o anúncio de grande campanha pela sua erradicação. E ela seria intensificada nos anos seguintes. [Continua...]



Val Costa - texto e fotos
Pesquisador do IHBAJA
e professor de
História e Geografia

O Rio de Janeiro é a segunda maior metrópole do Brasil. Segundo o último censo (2022), contava com 6.211.223 pessoas, distribuídas por uma área de 1.200 km², o que proporciona uma densidade demográfica de 5.174,60 hab./km².

A atual divisão político-administrativa do nosso município está estruturada de forma hierárquica para descentralizar a gestão urbana e facilitar o planejamento de políticas públicas. No topo dessa organização estão as 5 Áreas de Planejamento (APs): AP1-Centro, AP2-Zona Sul/Grande Tijuca, AP3-Zona Norte, AP4-Baixada de Jacarepaguá (atual Zona Sudoeste) e AP5-Zona Oeste. As APs subdividem-se em 33 Regiões Administrativas (RAs) que, por sua vez, fragmentam-se em 166 bairros oficiais.

Com o intuito de criar canais diretos entre os cidadãos e os órgãos municipais, cuidando principalmente da fiscalização de posturas e dos serviços de zeladoria, foram instituídas as subprefeituras, sendo elas: Subprefeitura do Centro e Centro Histórico, Subprefeitura da Zona Sul, Subprefeitura da Grande Tijuca, Subprefeitura

Rio de Janeiro: que cidade é essa?

da Barra da Tijuca, Subprefeitura de Jacarepaguá, Subprefeitura das Ilhas (Ilha do Governador, Fundão e Paqueta), Subprefeitura dos Grandes Complexos, Subprefeitura da Zona Norte e Subprefeitura da Zona Oeste.

O município possui três grandes maciços litorâneos: Tijuca, Gericinó-Mendanha e Pedra Branca. Este último abriga a maior floresta urbana do mundo: o Parque Estadual da Pedra Branca, uma Unidade de Conservação estadual de Mata Atlântica com 12.500 hectares. O litoral carioca, com cerca de 246 km de extensão, é marcado por um contraste impressionante entre o mar agitado, baías abrigadas e imponentes maciços rochosos à beira-mar, como o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Economicamente, a cidade se destaca como um gigante do setor de serviços, do turismo, das finanças e da economia criativa, além de abrigar as sedes das maiores empresas de energia, petróleo e gás do país, possuindo um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente R\$ 360 bilhões, correspondendo a cerca de 3,8% de todo o PIB nacional.

Segundo os últimos dados oficiais do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, o IDHM



Maciços rochosos à beira-mar

da cidade do Rio de Janeiro é 0,799, ocupando a faixa de Alto Desenvolvimento Humano.

Apesar de todas essas características positivas, o nosso município enfrenta, atualmente, uma crise econômica estrutural e um encolhimento inédito em sua população. Segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE, a cidade do Rio de Janeiro perdeu 110 mil habitantes entre 2010 e 2022. A perda do dinamismo financeiro após os megaeventos esportivos afetou o mercado de trabalho e reduziu

postos de empregos formais. Além disso, os altos índices de violência urbana e as crises políticas nas últimas gestões estaduais contribuíram para esse grande fluxo de emigrantes.

Para retomar o dinamismo econômico do Rio de Janeiro, é fundamental integrar investimentos maciços em segurança pública tecnológica, revitalizar áreas degradadas e aumentar a geração de empregos no mercado formal com incentivos fiscais para a atração de novas empresas.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Eu fui aprovada no concurso por meio da Redação! E você também pode!

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição, vou contar a trajetória da minha aprovação no concurso público. E ela aconteceu por meio da Redação. Leiam e inspirem-se para alcançarem o resultado!

A vaga que conquistei foi por meio da Redação. Isso mesmo! Sigam para eu contar essa linda história que vocês poderão se inspirar.

Tive que aguardar ansiosa a correção! Quando conferi o gabarito da prova objetiva, em virtude da Matemática, não cheguei à

classificação “de cara”, além de não ter estado dentro o número de vagas. Mas finalmente o desfecho veio.

Ao conferir o resultado da correção do meu texto, não tive dúvida da minha aprovação! Saltei muitas posições, tranquilamente fiquei dentro o número de vagas disponíveis e conquistei o 80º lugar.

Por essa razão, senti-me feliz e estável! Sou servidora pública municipal há 14 anos e durmo bem todas as noites por saber que tenho meu emprego efetivo. E vocês? Querem

destravar a Redação e finalmente **CONQUISTAR** a vaga no concurso ou no vestibular? Entrem em contato comigo nas minhas redes.

Querem aprender Redação com leveza e eficácia? Venham para o meu time e estudem com comigo para serem aprovados nos concursos e nos vestibulares! Acessem as minhas redes sociais: @professora_julianabernardo (Instagram), Profa. Juliana Bernardo Português (Facebook) e Professora Ju (@professora.ju6 / Tik Tok). Abraços e até a próxima edição!

Proponha sua ação no 3º Festival Favela Sustentável!

O 3º Festival Favela Sustentável reafirma aqui sua chamada para ações! Sob o tema **'Favela no Centro das Soluções Territoriais'**.

Marcado para **sábado, 17 de outubro de 2026**, o 3º Festival Favela Sustentável lança sua **chamada por ações!**

Será uma união de **iniciativas** e **viáveis** de cada eixo de atuação da Rede Favela Sustentável! Um evento acolhedor, com muita troca de saberes entre as comunidades integrantes da Rede Favela Susten-



tável, a cidade—e o mundo—como um todo.

Coletivos comunitários, integrantes da Rede Favela Sustentável e aliados, participem!

Proponha sua oficina, roda de conversa, dinâmica, apresentação, exibição, estande, exposição, terapia, ou outra ação que queira compartilhar com o grande público!

Como seu projeto, coletivo ou organização quer se engajar? Quer trazer gente da sua comunidade? Como será essa participação? Inscrições da sua proposta e, com o máximo de detalhes que puder, até no máximo o dia 30 de junho de 2026.

Em caso de dúvidas ou dificuldades, não hesite em nos contatar pelo WhatsApp (21) 97253-8748 ou e-mail rede@favelasustentavel.org. Em caso de dificuldade em preencher o formulário, pode enviar informações para o WhatsApp ou e-mail.

Projeto: "Sei incluir TS", convida para a roda de conversa:

CONVERSANDO SOBRE O AUTISMO

Local:
Projeto Semeando Amor
Rua Espada São Jorge, 405 - Areal, Rio das Pedras

Data:
27/06/26

Horário:
10h às 12h

PREFEITURA RIO | Conversando sobre o Autismo

ENCONTRO USUÁRIOS DO SUAS

Local:
Sociedade Brasileira do Brasil - SBB
Rua Buenos Aires, nº 135 - Centro - RJ

Data:
29/6/2026

Horário:
9H30

QR CODE DE INSCRIÇÃO

CMAS Rio | **PREFEITURA RIO** | Assistência Social

V Encontro Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro lança programação

Evento reúne agricultores, povos tradicionais, movimentos sociais, pesquisadoras e gestores públicos para debater justiça climática, soberania alimentar e o fortalecimento da agroecologia no estado

**Por Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro*

Entre os dias 26 e 28 de junho, o município de Silva Jardim será palco do V Encontro Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro (V EEARJ). Com o tema **“Justiça climática e comida de verdade na mesa do povo: encontro dos rios celebrando os 20 anos da AARJ”**, o evento deve reunir centenas de participantes de diferentes regiões do estado, entre agricultoras e agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais, pesquisadoras/es, estudantes, organizações da sociedade civil e representantes do poder público.

Realizado pela Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), com apoio da Prefeitura Municipal de Silva Jardim, o encontro marca os 20 anos da articulação estadual e acontece em um momento de intensificação dos debates sobre mudanças climáticas, produção de alimentos saudáveis e fortalecimento da agricultura familiar.

O evento ocorrerá em vários pontos em torno da praça Amaral Peixoto. A programação por ser acessada no perfil oficial da AARJ no Instagram (@aarj.agroecologia).

Ao longo de três dias, o V EEARJ será um espaço de intercâmbio de experiências, construção de propostas e fortalecimento das redes agroecológicas do estado. A programação inclui visitas a experiências agroecológicas do território Serramar, plenárias, rodas de conversa temáticas, feira agroecológica, atividades culturais, espaços de cuidado para crianças e momentos de celebração dos 20 anos da AARJ.

A abertura oficial do encontro acontece na sexta-feira (26), após as vivências territoriais, reunindo representantes de movimentos sociais, organizações da sociedade civil, agricultoras e agricultores para refletir sobre os desafios da agroecologia diante da crise climática e do cenário político atual. O debate ini-

ciará pela **Plenária das Mulheres**, espaço dedicado ao debate sobre a autonomia econômica, o protagonismo político das mulheres e seu papel central na produção de alimentos, no cuidado com a biodiversidade e na construção da agroecologia.

Outro destaque da programação é o **Festival Gastronômico Agroecológico de Silva Jardim**, realizado nas noites de sexta e sábado na praça central do município, pela Associação Mico-Leão-Dourado com o apoio do Projeto GEF Áreas Privadas. O espaço valorizará a diversidade alimentar dos territórios fluminenses, aproximando participantes dos sabores, saberes e tradições culinárias construídos por agricultoras, agricultores, povos e comunidades tradicionais. A iniciativa reforça a relação entre agroecologia, cultura e soberania alimentar, evidenciando a importância da comida de verdade produzida nos territórios.

Entre os principais temas em debate ao longo do encontro estão a reforma agrária e a defesa dos territórios tradicionais, a autonomia econômica das mulheres, a segurança alimentar e o abastecimento popular, a educação ambiental e as juventudes, a convivência com a Mata Atlântica, o enfrentamento às mudanças climáticas, a comunicação popular e a atualização da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica do Rio de Janeiro (PEAPO).

Um dos destaques da programação será também a **Feira Agroecológica: Saberes, Sabores e Sementes**, aberta ao público nos dias 27 e 28 de junho. O espaço reunirá alimentos produzidos por agricultoras e agricultores familiares, troca de sementes crioulas, conhecimentos tradicionais e experiências agroecológicas desenvolvidas em diferentes regiões do estado.

O encontro integra ainda o processo de mobilização rumo ao V Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), previsto para 2027, em Foz do Iguaçu (PR), contribuindo para fortalecer a participação do Rio de Janeiro na construção da agenda nacional da agroecologia.

Criada em 2006, a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro reúne organizações, movimentos, coletivos e redes comprometidos com a promoção da agroecologia, da agricultura familiar, dos povos e comunidades tradicionais e da jus-

tiça socioambiental. Desde sua fundação, a AARJ atua na construção de políticas públicas e no fortalecimento de experiências que promovem sistemas alimentares mais justos, saudáveis e sustentáveis.

Confira a programação



DE 26 A 28 DE JUNHO

26 DE JUNHO - SEXTA

- 9h Vivências no território Serramar (para pessoas inscritas pelas regionais)
- 12h30 Horário de almoço
- 14h Credenciamento
- 15h Abertura da Feira Agroecológica: Saberes, Sabores e Sementes
- 15h30 Plenária das mulheres
- 17h Celebração de 20 anos da AARJ
- 18h Falas de saudação
- 19h Cultural e Festival Gastronômico Regional



27 DE JUNHO - SÁBADO

- 8h às 17h Feira Agroecológica: Saberes, Sabores e Sementes
- 12h30 Horário de almoço
- 14h às 17h Rodas de conversa temáticas
- 17h às 19h Visita às instalações pedagógicas dos Rios do Tempo das Articulações de Agroecologia Regionais
- 18h Cultural e Festival Gastronômico Regional

28 DE JUNHO - DOMINGO

- 8h às 14h Feira Agroecológica: Saberes, Sabores e Sementes
- 9h30 Plenária final: Agroecologia nas Eleições, Leitura da Carta Política
- 13h Encerramento